

# DISCURSO DE POSSE À REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

**Ricardo Marcelo Fonseca**

Caríssimos amigas e amigos,

Senhoras e senhores.

Ao cumprimentar todas as pessoas e autoridades, inicio justamente apontando para a grandeza desse momento institucional, que consegue reunir aqui nesse auditório os integrantes da nossa comunidade universitária (dirigentes, professores, servidores técnicos e estudantes), nossos amigos e entes queridos, mas também autoridades importantes de várias esferas federativas e de vários poderes e instâncias de governo. E falo isso para apontar justamente a importância da nossa Universidade no cenário paranaense e brasileiro, para apontar a sinergia que nossa Universidade sempre teve e tem com a sociedade e a comunidade local e seus dirigentes. A Universidade é uma instituição diferente, única, valorizada e embalada pela nossa comunidade. É a *Alma Mater* da sociedade paranaense, onde nós vemos gerações dos 20 aos 90 anos de idade nela reconhecerem com tanto carinho o seu lugar de formação, o seu lugar de preparação para a vida, para as profissões ou para as ciências, o lugar de entender e se situar no mundo e frequentemente – como eu – lembrar dos tempos de estudante aqui com um tempo de ouro de suas vidas.

E nem poderia ser diferente: Ruy Wachowicz – que foi meu professor nessa Universidade – dizia que a criação da Universidade do Paraná foi uma das maiores realizações dos paranaenses e que “*sua atuação passou a influir decisivamente na formação dos nossos dirigentes locais*”. Carlos Antunes dos Santos –ex-reitor e também meu ex-professor nessa Universidade – foi ainda mais longe: ele dizia que a Universidade do Paraná foi a maior invenção dos paranaenses. E isso porque, entre outras razões – pela autoridade do testemunho de outros meus professores historiadores, como Cecilia

Westphalen, Jayme Cardoso e Ana Maria Burmester – essa universidade, essa que aqui está hoje em celebração, é a universidade mais antiga do país, por estar agora com 104 anos de ininterrupta atividade. Motivo de orgulho pra nós, para a comunidade política, para a sociedade paranaense, para o Brasil.

Vejam, de fato, que foram alguns grupos das elites locais que tomaram a iniciativa de fundar a Universidade. Depois da tentativa malograda de Rocha Pombo, foram esforços articulados da sociedade e da política daqui (que Victor do Amaral chamou de ação “ex-abrupto, *um gesto impulsivo, uma obra de audácia*”) que fizeram com que fosse fundada aqui, numa cidade que então tinha 60.000 habitantes, a primeira universidade do Brasil. E essa articulação das elites teve todo o acolhimento e entusiasmo das nossas forças políticas: lembre-se que o então Presidente do Estado, Carlos Cavalcanti de Albuquerque, exigiu que a instalação da instituição (que estava marcada para 1º de janeiro de 1913), fosse transferida para o dia 19 de dezembro de 1912. E isso ocorreu na sede da assembleia legislativa (que é onde hoje está sediada a câmara dos vereadores de Curitiba).

Esforços plurais, portanto, das elites, dos dirigentes e da sociedade, como se vê, para atingir um objetivo.

Destinos entrelaçados, da nossa comunidade social e política, e de nossa instituição de ensino.

Mas claro que essa conjunção de diferentes esforços no momento da fundação de nossa Universidade não era aberta de modo irrestrito à pluralidade. O desafio da pluralidade sempre foi aqui claudicante.

Por exemplo, um dos fundadores e primeiros dirigentes da Universidade do Paraná, Manoel de Cerqueira Daltro Filho, militar que depois foi governador do Rio Grande do Sul, foi encarregado de fazer o discurso na cerimônia de 104 anos atrás. E no “zeitgeist” de então, ele se referia ao povo brasileiro como sendo dividido em castas e que era “*escandalosamente mestiço*”; e que portanto tinha uma pluralidade que lhe parecia

inconveniente, o que explicava aquilo que ele definia como “*o baralhamento de ideias, concretizadas em sedições e tumultos*”, que seria própria dos brasileiros.

Importante também ressaltar que 104 anos atrás se via pouca pluralidade naquilo que hoje nós chamamos de questões de gênero: a universidade, no momento de sua fundação, era eminentemente masculina. Isso nós vemos na famosa foto dos primeiros dirigentes da Universidade, que hoje está no setor de tecnologia (e que temos uma cópia na sala da memória do Setor de Jurídicas), onde todos eram homens, como também quase que a exclusividade dos alunos, bem em coerência com o patriarcalismo da sociedade de então (sobretudo aqui, num ambiente bem provinciano) era eminentemente masculina.

Sei, até como historiador do direito que sou, que não se deve julgar o passado com os critérios do presente. Por isso lanço mão dessas considerações não para singelamente lamentar ou condenar os que nos antecederam, mas para avaliar o desafio que temos pela frente como instituição que tem o futuro como missão: estar progressivamente aberta ao diverso, à diferença; e com isso crescer e ser protagonista, a partir da sua pluralidade, com a sua pluralidade, fazendo valer essa vocação – presente desde o início, há 104 anos – de ser a reserva da melhor formação para quem senta em nossos bancos, de ser o repositório da inteligência e da criatividade, de ser o lugar das luzes (que era, aliás, como Romário Martins chamava o Prédio Histórico da Universidade, na Praça Santos Andrade: “o palácio da Luz”).

E fazer isso se abrindo, permanentemente se abrindo ao novo, sendo uma instituição com muitas vozes, sendo uma instituição plural. Como já dizia Pascal, “*pluralidade que não se reduz à unidade é confusão; unidade que não depende de pluralidade é tirania*”.

É isso, senhoras e senhores: a nossa riqueza é e deve ser a nossa pluralidade e a nossa diversidade. Como diz Octavio Paz, “*O que põe o mundo em movimento é a interação das diferenças, suas atrações e repulsões; a vida é pluralidade, morte é uniformidade*”.

Esse foi nosso desafio por 104 anos, esse deve continuar sendo, e sendo cada vez mais a nossa meta: ser uma universidade inclusiva; mais do que inclusiva, plural; mais que plural, aberta. Devemos ser uma universidade aberta à diferença e à multiplicidade, uma universidade que se abre ao colorido de um mundo que está cada vez mais complexo e que, por isso, está sempre a exigir mais da universidade para a sua compreensão.

E essa abertura, essa pluralidade e essa diversidade eu vislumbro pelo menos em duas acepções: em primeiro lugar, no que diz respeito ao acolhimento da riqueza dos saberes, da multiplicidade de ideias, de ideologias e de concepções – pois se a Universidade se tornar dogmática, se o foco de produção do saber se colocar num lugar de verdade absoluta, se as teorias se tornarem intolerantes, se a Universidade se reivindicar possuidora de só uma voz, desvalorizando qualquer outro timbre que não lhe pareça familiar, será certamente o início do fim desse lugar, que deve ser o gerador e difusor principal do conhecimento na sua acepção mais plural e tolerante. Acolher a pluralidade dos saberes é riqueza; manejar instrumentos variados de leitura e de diagnóstico é abertura; respeitar o pensar diferente é imperativo ético.

Hoje vivemos um tempo de muita incompreensão, de intolerância e de ausência de diálogo. Podemos ter as mais variadas explicações pra isso – que tenham a ver com questões geracionais, com o nosso contexto político nacional ou com a estranha mecânica das redes sociais, que muitas vezes acabam por sacrificar o debate público por catarses pessoais, por confirmação de posições da sua própria tribo, pela cultura do ódio a quem pensa e concebe de modo diferente. Se é esse o diagnóstico, a Universidade também aqui tem que almejar um papel maior, deve sim reivindicar seu papel diferenciado no debate, deve, sempre que possível, querer se distanciar da res do chão do senso comum, não deve renunciar à tarefa de pensar sem amarras e sem embotamento.

A palavra diálogo deve ser o nosso fio condutor. Lembrando que a etimologia da palavra DIÁLOGO vem do grego, que une DIA (por intermédio de) e LOGOS (verbo, palavra, significado, conhecimento). A expressão “logos” foi traduzida ao mundo latino por “ratio”, que por sua vez, numa transmutação de sentido, deu origem à nossa expressão

“Razão”. Diálogo e conhecimento (ou diálogo e razão), portanto, têm essa relação etimológica, e devem ter também uma relação efetiva e prática, devem caminhar juntos na Universidade. A Universidade deve ser ao mesmo tempo o lugar da palavra, do diálogo e do conhecimento.

E nessa trilha a universidade não pode em nenhum momento renunciar a ser o lugar da qualidade; qualidade na produção do saber e qualidade na reprodução do conhecimento, para termos imensa qualidade na pesquisa, no ensino, na extensão. Temos que problematizar e se for o caso criticar a sistemática das avaliações institucionais (na graduação ou na pós), mas temos, sim, que ver efetivados os melhores resultados possíveis da nossa Universidade, segundo todos os índices disponíveis. Precisamos crescer, precisamos ser referência, precisamos almejar sermos referência.

Faço aqui então um apelo à toda nossa comunidade universitária: sonhemos alto, afirmemos nosso papel de “locus” principal dos saberes, busquemos também nosso protagonismo no debate público – num tempo, aliás, em que estamos carentes de debates públicos qualificados; desdobremos tudo isso em qualidade na formação dos nossos estudantes, em qualidade na produção do conhecimento, da tecnologia, da inovação. Façamos isso, afinal, reivindicando nosso protagonismo social que não pode jamais ser esquecido e reafirmando, com isso, o imenso orgulho de pertencer a essa instituição e de construir, no dia a dia de nosso labor, a principal instituição superior de ensino e pesquisa do Paraná.

E que isso não seja confundido com elitismo: devemos simplesmente fazer desabrochar aquilo que a sociedade espera de nós, e devemos fazê-lo com nossas melhores energias e com nossa maior competência. É essa a satisfação que devemos à sociedade em que estamos inseridos, é esse o nosso destino. Vamos cumpri-lo!

Mas eu falava de pluralidade, de diversidade, e falava em como isso deveria ser visto de duas formas diferentes. Além dessa que acabei de mencionar (da abertura

acadêmica, da riqueza de concepções, da tolerância epistêmica e ideológica), tenho convicção que devemos igualmente cultivar a cada instante a nossa pluralidade e o nosso colorido interno, temos que estar sintonizados com as demandas da desigual sociedade em que vivemos e, por isso, estarmos abertos às várias formas de contribuir para a diminuição dessa desigualdade em todos os níveis que conseguirmos. O cultivo incessante da qualidade dentro da Universidade não é e não deve ser incompatível com a ampliação contínua dos canais de cidadania e inclusão.

Cento e quatro anos atrás – como eu dizia – foi formada uma instituição pelas nossas elites locais, foi forjada essa instituição masculina, que em discurso no seu ato fundador lastimava o “baralhamento de ideias” pelo escândalo da mestiçagem. Muitos caminhos já foram trilhados para ajustar o legado dos nossos fundadores aos novos desafios do nosso tempo, mas ainda há muito a ser trilhado, e estaremos atentos a isso a cada instante.

A UFPR deixou de ser instituição das elites (ou somente das elites): hoje com quase 36.000 mil estudantes, e em fase de expansão, em Curitiba e no Paraná, temos um ingresso plural e diversificado (concorrem para entrar na nossa Universidade cerca de 55 mil candidatos para o vestibular, mais de 75 mil vagas do SISU), inclusive em função da lei federal que prevê as cotas étnico-raciais e as cotas sociais, para não mencionar o vestibular indígena. Agora, ao contrário de 104 anos atrás, a diversidade não é mais vista como um “escândalo”, mas sim como um colorido plural, pulsante e belo, que dá mais vida cidadã à nossa instituição.

Hoje temos cursos dos mais variados tipos, inclusive muitos destinados à requalificação profissional, e tantos em período noturno. Com isso, temos cada vez mais a responsabilidade de nos comprometermos com políticas públicas inclusivas, com o respeito às diferenças e com a diminuição das desigualdades. Nosso desafio é não só abrigar essa diversidade, como acolhê-las, promover a sua emancipação intelectual e social e fixar a universidade como o “locus” da hospitalidade, da tolerância e do respeito às várias identidades. Por essa razão que nós, a exemplo de outras grandes universidades,

criaremos uma superintendência de inclusão e diversidade, também para que aqui seja um modelo da sociedade no que diz respeito aos direitos, ao respeito às identidades e às diferenças. Façamos da Universidade cada vez mais o lugar em que deve haver uma unidade na pluralidade.

A UFPR deixou de ser uma instituição masculina: hoje já há departamentos e setores inteiros onde, entre os docentes e técnico-administrativos, as mulheres já são a maioria – aliás, bem se sabe que quanto mais o ensino público se expande, tanto mais se expande a presença das mulheres nas escolas e universidades

E temos que ter adiante de nós, a cada passo, a tarefa de incrementar os espaços de poder das mulheres e até, mais singelamente, de dar maior visibilidade a talentos que muitas vezes, por razões sexistas, não alcançam o seu devido lugar de mérito. Se em 1945 Enedina Alves Marques era uma exceção absoluta ao formar-se como a primeira engenheira mulher e negra, hoje a UFPR deve se orgulhar em ver em qualquer dos seus campi a expressiva presença feminina e o colorido da diversidade que caracteriza o nosso povo.

E nesse passo quero ressaltar a figura da vice-reitora eleita, professora Graciela Bolzón de Muniz: acadêmica modelo, gestora modelo, docente modelo, exemplo de superação (pois se destacar e ser referência num país estrangeiro e numa língua que não era a sua língua materna não é um feito qualquer), a Graciela foi partícipe ativa e decisiva em todo o processo de reflexão, de militância e de diálogo que culmina com essa nossa posse no dia de hoje. Quero homenagear aqui essa grande protagonista da nossa UFPR, firmando o compromisso dessa gestão em caminhar no sentido de superar as barreiras e restrições que ainda hoje são colocadas em função de diferenças de gênero no nosso espaço.

Pluralidade, tolerância, respeito à diversidade, inclusão, cultura dos direitos: essa é nossa riqueza, nosso trunfo e também nosso desafio.

Senhoras e senhores da nossa comunidade universitária, membros dos Conselhos Superiores, teremos grandes desafios pela frente. Temos uma universidade ainda em fase de expansão, com várias obras a terminar; temos o desafio de incrementar a assistência estudantil diante dos novos tempos e dos novos marcos normativos para ingresso nas universidades; temos um Hospital de Clínicas (referência em tantas especialidades para todos os curitibanos e paranaenses) em crise permanente, que deve batalhar a cada mês para fechar suas contas; temos diante de nós uma crise – política, econômica e institucional – que vai nos desafiar; temos um contexto em que direitos historicamente conquistados são relativizados com facilidade desconcertante; temos, concretamente, um corte de verbas preocupante no ensino público superior, que foi de 10% do custeio nos últimos anos e de 50% das verbas de capital – o que é particularmente grave numa instituição que ainda não terminou seu ciclo de expansão; e temos a aprovação do recente congelamento dos gastos públicos nas próximas duas décadas, que não só impactará no financiamento atual das universidades públicas, como sobretudo impactará nas metas do Plano Nacional de Educação que estabelecia uma importante expansão futura do ensino público superior. Se nos últimos anos acabamos sendo retraídos nas verbas e as vestes orçamentárias já se mostram curtas e apertadas, agora as restrições futuras já anunciadas vão nos deixar em situação crítica.

Precisaremos de todo o apoio do Município de Curitiba (que por lei detém a gestão plena dos serviços de saúde) no equacionamento de nosso hospital de clínicas. Naquilo que for possível, precisaremos de todo o apoio do Ministério da Saúde – hoje ocupada por um paranaense – para não deixarmos na UTI o maior hospital público do Paraná. Precisaremos, certamente, do apoio firme por parte do Estado. Mais uma vez, enfim, tal como há 104 anos, precisamos todos atuarmos juntos para ajudarmos nosso hospital escola e nossa Universidade, que hoje não é mais um mero projeto, ou um “gesto de audácia”, mas é essa senhora vetusta, porém jovial e pulsante, central na sociedade curitibana e paranaense, como instituição pensante e formadora de quadros na nossa sociedade que é.



Temos e seguiremos tendo metas e sonhos ousados que sonhamos para essa universidade.

Mesmo em tempos de crise, convém não esquecer que nenhuma sociedade se aperfeiçoa sem educação; e que nenhuma economia será capaz de dar um salto sem pesados investimentos em ciência, tecnologia e inovação. E como é sabido por todos, a maioria esmagadora da produção de conhecimento está concentrada nas instituições públicas de ensino superior. Devemos defender a universidade pública, esse patrimônio de todos nós, há muitas gerações. A Universidade quer fazer seu papel, quer dar a sua necessária contribuição para o Brasil. Mas para isso temos que ter as condições necessárias e adequadas para funcionamento.

Temos uma crise, como dizia antes, diante de nós. Ao jargão popular que afirma que com a crise se abrem oportunidades, a filósofa Hannah Arendt dava um conteúdo mais elaborado ao nos lembrar – e esse momento parece adequado para essa lembrança – que *“uma crise nos obriga a voltar às questões mesmas e exige respostas novas ou velhas (...) Uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos”*, para a seguir nos dizer que não podemos nos furtar da *“experiência da realidade e da oportunidade por ela proporcionada à reflexão”*.

Ora, se a Universidade, como penso, é o lugar da crítica, da reflexão e da ação, que estejamos prontos para as dificuldades e para os desafios que se avizinham. Para a comunidade interna e para nosso Conselho Universitário aqui hoje reunido, clamo para a necessidade de atravessarmos, com muito diálogo, entendimento e solidariedade, os desafios que estão diante de nós. Precisaremos estar juntos. Não parecem ser tempos para disputas pequenas que só tenham como meta desestabilizar o rumo geral da nossa Universidade. Volto mais uma vez à metáfora a que tanto recorri nesse discurso: precisamos saber nos comportar como uma unidade dentro da inevitável e necessária pluralidade. Precisamos lutar pelos consensos dentro do saudável e natural dissenso. Como

diz João Cabral de Mello Neto, “*um rio precisa de muita água em fios para que todos os poços se enframem...*”.

Ou, para tomar uma outra referência literária que me é muito cara, evoco aqui o diálogo entre Kublai Khan e Marco Polo, nas “Cidades Invisíveis” de Italo Calvino. Do lado do imperador, o desejo de conhecer metricamente suas cidades, obter um Atlas; do lado do viajante, a experiência da viagem.

Esse é o diálogo:

*“Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.*

*- Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? – pergunta Kublai Khan.*

*- A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra – responde Marco – mas pela curva do arco que estas formam.*

*Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:*

*- Por que falar em pedras? Só o arco me interessa.*

*Polo responde:*

*- Sem pedras, o arco não existe.”*

Nesse momento tormentoso, todos somos pedras, sem as quais não existe arco, sem as quais a ponte não se sustenta. Somos todos, portanto, sem distinção, pedra e arco.

Termino meu discurso com a necessidade de dirigir algumas mensagens, e o faço na forma de poesias.

Primeiro, e necessariamente, ao cumprimentar o professor Zaki Akel Sobrinho, o professor Rogerio Andrade Mulinari e toda a sua equipe de pró-reitores e assessores que conduziram essa universidade nos últimos oito anos. Sei que foi tarefa dura, árdua e que vocês deram tudo de si nesse período. Cada administração, eu creio, responde aos desafios do seu próprio tempo e também sofre os ônus inerentes a essa imensa missão, sobretudo, como foi o caso de vocês, quando foi por dois mandatos. E o tempo da gestão de vocês, indubitavelmente, foi de muito crescimento da Universidade.

Tenho certeza que o tempo, esse “compositor de destinos, tambor de todos os ritmos”, como diz Caetano, fará a devida justiça a vocês, como fez a tantos outros reitores que ajudaram a edificar a grandeza da nossa Universidade. Deixo aqui, Zaki, Rogério, o trecho de uma poesia de Carlos Drummond de Andrade (que usei no meu discurso de entrega de cargo no Setor de Ciências Jurídicas, há poucos meses) que me parece servir como uma luva:

*“Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração (...)*

*Mas as coisas findas  
Muito mais que lindas  
Essas ficarão”*

Em seguida, me dirijo àquelas e àqueles, tantos e tantas, que caminharam comigo nesses últimos meses, nesse penoso, às vezes injusto, duríssimo, mas também muito rico e gratificante processo de campanha eleitoral na consulta à comunidade: aos tantos e tantas estudantes, servidores e servidoras técnico-administrativas, professores e professoras que caminharam juntos, que foram solidários e amigos na caminhada que só tinha um sonho e uma meta: buscar um futuro radioso e bonito para nossa UFPR, realizar a vocação da nossa *Alma Mater*. A esses, tantas e tantos, cuja amizade descobri nesse ano, a esses entusiasmados viajantes, relembro o poema de nossa Helena Kolody:

*“Já se apresta o navio.  
A marujada canta,  
Marulha e arfa o mar,  
O céu palpita*

*Deixa esse continente inóspito que habitas*

*Iça teu sonho – vela branca – em altos mastros  
E singra, solitário, rumo aos astros.*

*Nem tempo, nem espaço a perturbar a viagem...  
Navegas ao sabor do pensamento  
Por águas infinitas.”<sup>1</sup>*

E, finalmente, aos que a partir de agora irão estar no front, aquelas e aqueles que vão estar mais ao meu lado, aquelas e aqueles que acabaram de renunciar sua vida pessoal, para aquelas e aqueles que dividem mais de perto comigo as vertigens que antecipam essa jornada, para aquelas e aqueles que colocam, como eu, no mais alto patamar as expectativas do nosso sonho, o sonho de uma UFPR grande, muito grande, a esses eu relembro o Paulo Leminski:

*“Você para  
a fim de ver  
o que te espera  
Só uma nuvem  
Te separa  
Das estrelas”*

Muito obrigado.

---

<sup>1</sup> KOLODY, Helena. *Antologia poética*. Curitiba: imã publicidade, 1994, pág. 97.